

NASCE UMA MENINA FORTE, SAUDÁVEL... E PREGUIÇOSA

JACIARA nasceu com 3,130 quilos, 46 centímetros e absolutamente nenhuma pressa. A mãe dela, uma cearense de corpo atarracado e 26 anos, chegou ao Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib), na L-2 Sul, às quatro da manhã. E chegou afoita, a Maria da Paz: queria que a filha viesse logo. Mas Jaciara nem se afobou. Nasceu cinco horas depois, com a calma de quem quer experimentar a vida devagar.

As primeiras horas da menina em Brasília foram de descobertas. Depois que deixou a barriga da mãe, deu de cara com um homem alto, forte e peludo. Era o obstetra José Marsílio Neto, paulista de 50 anos que começou a trabalhar em hospitais públicos do Distrito Federal em 1982. O médico explica que Maria da Paz teve um pico de pressão durante o trabalho de **PARTO**. "Mas a criança nasceu forte e saudável", assegura.

Ainda nos braços do obstetra, Jaciara desatou os primeiros gritos de choro. Também, pudera. A menina estranhou tantas vozes em volta, tanta luminosidade e — principalmente — tanto frio. Os termômetros de Brasília marcavam 18°C na manhã de 4 de abril. Temperatura incômoda para quem estava acostumada a uma barriga quentinha de mãe. Jaciara tremia o queixo.

Para evitar o risco de hipotermia, ela foi levada, aos prantos, para a Unidade de Reanimação do Hmib. Lá, uma enfermeira de mãos cuidadosas pôs o bebê num colchão macio e morno. Uma fonte de calor instalada sobre o berço todo especial — cheio de luzes, botões e tubos de oxigênio — manteve a temperatura aquecida. Aconchegada, Jaciara parou de chorar.

Foi a enfermeira de mãos cuidadosas quem deu o primeiro banho na menina. Com gaze e vaselina, limpou o muco branco que envolve todo recém-nascido. Com um tubo bem fino, aspirou as secreções do nariz e da boca de Jaciara. Com a ajuda de uma pinça, deu o nozinho do cordão umbilical. A menina preguiçosa deu dois longos bocejos e dormiu.

PARTO. Cinquenta mil bebês nasceram no ano passado em hospitais públicos do DF. É uma geração de brasilienses que daria para povoar uma cidade do tamanho de São Sebastião. As mães desses recém-nascidos receberam atendimento nos nove hospitais mantidos pelo Governo do Distrito Federal. Em 2000, foram realizados 46.413 partos na rede pública. No topo do ranking está o Hospital Regional de Ceilândia, com 9.541 partos. Em segundo lugar, está o Hospital Regional do Gama, com 9.390 partos. Referência no atendimento às futuras mães e seus filhos, o Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib) é o terceiro colocado em número de partos, com 9.174 nascimentos feitos no ano passado.

20 ANOS DE PARTOS

1980	25.372
1981	34.168
1982	33.249
1983	33.574
1984	32.186
1985	31.009
1986	31.628
1987	30.876
1988	31.908
1989	32.610
1990	32.420
1991	36.097
1992	37.556
1993	40.806
1994	42.385
1995	43.685
1996	43.029
1997	45.642
1998	46.936
1999	47.804
2000	46.413

O primeiro dia de Jaciara em Brasília só estava começando. Da Unidade de Reanimação, ela foi levada para outro berçário do Hmib. É lá onde se pesa o bebê e se grava a impressão digital do pezinho numa ficha. O segundo berçário é também uma espécie de salão de beleza infantil, onde todas as crianças são vestidas e têm os cabelos penteados e repartidos de lado.

Como estava dormindo, Jaciara não percebeu: mas vestia uma fralda descartável branca com adesivos de ursinhos e trazia um laço cor-de-rosa na cabeça. Além dela, outras três recém-nascidas ganharam laços de fita. Eram tiras brancas, verdes e azuis. Entre os cinco bebês do berçário, só um era menino.

Jaciara nunca vai lembrar. Mas foi na maternidade do Hmib que escutou música pela primeira vez. O rádio-relógio Cosmo de uma das enfermeiras estava sintonizado na Rádio Câmara. Nana Caymmi cantava *Rosa Morena* — como que em homenagem à pele rosada e aos cabelos pretos de Jaciara. A menina também nunca vai lembrar. Mas, naquela mesma hora, acordou e sorriu.

Trinta minutos após o parto, Jaciara foi levada para conhecer a mãe. Maria da Paz recebeu a filha dos braços de uma enfermeira. Os olhos deslumbrados da mãe percorriam o rosto da



MARIA DA PAZ COM JACIARA NO COLO, POUCOS MINUTOS DEPOIS DO NASCIMENTO DA TERCEIRA FILHA, NO HOSPITAL MATERNO-INFANTIL (HMIB)

filha e os dedos de ambas se tocavam.

Deitada na cama, Maria da Paz sequer piscava. Esfregava um pé no outro de tanta felicidade. Nem parecia que já havia passado pela mesma situação outras duas vezes — quando nasceram Jéssica, de 9 anos, e Jussara, de 2 anos e seis meses.

Jaciara também estava feliz. A menina nem teve ânsia de mamar. Preferiu ficar ali quietinha, só sentindo o cheiro materno. Maria da Paz contou à filha que tinha preparado enxoval exclusivo: um macacão cor-de-rosa e três pares de sapatos de crochê.

De olhos fechados, Jaciara tateava para encontrar o peito da mãe. Puro instinto. Teve um pouco de trabalho, mas — com a ajuda experiente de Maria da Paz — encontrou. Gostou do leite materno.

Quando sair do hospital, Jaciara vai apertar os olhos por causa da luminosidade do céu azul de Brasília. Quando chegar em casa, a pequena brasiliense vai conhecer as irmãs mais velhas. Quando a noite cair, vai encontrar o pai: um cearense simpático de 34 anos que deixou o Nordeste para vender lanches num trailer da 707 Sul.

Jovenir José da Silva não pôde acompanhar o nascimento da filha, porque estava trabalhando. Mas foi ele quem levou Maria da Paz ao hospital às quatro horas da manhã. Como não tinha dinheiro para pagar um táxi, Jovenir apelou para a solidariedade de um vizinho. Bateu palmas e acordou o amigo **JOÃOZINHO** — um guarda noturno que havia acabado de chegar do trabalho.

— Opa, sou eu! Posso pegar seu carro emprestado, Joãozinho?

O SEGURANÇA QUE SE ARREPENDEU DE TROCAR O DIA PELA NOITE

JOÃOZINHO é só modo de dizer. João Carlos Pereira Lima é uma *tora*. Armado com um cassetete, o **VIGILANTE** faz rondas noturnas na 707 Sul. Mete medo em malandro. Afugenta bandido. Mas não faz isso porque gosta. Só porque precisa: tem mulher e quatro filhas muito amadas para alimentar e vestir.

Joãozinho tem 32 anos e uma história triste. É o quinto de oito irmãos que trocaram a roça de Tocantins pelo concreto do Plano Piloto. Quando chegou a Brasília, com 18 anos, tinha o sonho de estudar, virar contador, trabalhar em escritório, ganhar dinheiro, ser feliz. Só conseguiu ser vigia.

Profissão ingrata, a de Joãozinho. "Tem 14 anos que troco o dia pela noite. Sou um cara que não desfrutou a vida de jeito nenhum. Fico um pouco arrependido", lamenta.

O apurado no serviço não é dos melhores. Mas Joãozinho não pode reclamar. É a única renda que tem. Dos moradores da quadra, alguns pagam R\$ 15 por mês. Mas tem quem pague R\$ 10 e tem quem não pague nada. Fica à mercê da generosidade alheia.

Foi de trocado em trocado que o guarda noturno conseguiu juntar R\$ 3 mil para comprar o Fiat Elba bege que o vizinho pediu emprestado para levar para nascer a filha Jaciara. O *carango* foi fabricado em 1987. "Mas é modelo 88", orgulha-se Joãozinho.

Ser vigia de quadra é ter um apito de ferro como garantia de vida. "Sempre tive medo de acontecer alguma coisa comigo. Ladrão vive com revólver na cintura. Mas eu não posso andar armado: só tenho meu apito velho." Joãozinho nunca fez curso para ser segurança. "Acho que é mais importante ter a vocação", argumenta.

VIGILANTE. Joãozinho exerce a profissão de guarda-noturno sem ter realizado o curso de qualificação exigido pela lei federal 7.102/83. O candidato tem de enfrentar 120 horas de aulas de legislação, defesa pessoal e tiro ao alvo. Existem hoje 12 mil vigilantes no Distrito Federal. Pelo menos 10 mil trabalham irregularmente. Os números são do Sindicato das Empresas de Segurança Privada e Transportes de Valores no DF.

Além do cassetete e do apito, vai trabalhar com um chapéu de almirante na cabeça e um jaleco preto com o nome *segurança* escrito nas costas.

Depois de anos de ronda, diz que aprendeu os segredos da profissão. "De guarda, não tem um mais malicioso do que eu. Quando vejo um cara suspeito, dou logo uns três apitos. Se for mesmo malandro, o cara vira as costas e vai embora."

O problema é que tem malandro mais esperto que Joãozinho. O vigia não conta as vezes em que moradores da 707 Sul tiveram toca-fitas, televisões e carros roubados durante a noite. "Fico com vergonha quando assaltam uma casa no meu horário. Mas não posso fazer nada. Não dá para evitar tudo".

Joãozinho vai trabalhar às dez da noite. Bate pernas e apita até as cinco da matina, quando é rendido pelo sol preguiçoso. Chega em casa para dormir na hora que a mulher acorda para fazer o café. E desabafa: "A desvantagem da minha profissão é que o sono é demais. A pessoa não se acostuma com isso", explica o guarda, que — por ironia — nasceu numa cidade chamada Rio Sono.

Naquela noite, como em todas as outras, Joãozinho saiu para o trabalho quando muita gente se preparava para dormir. Apitou até acordar o sol. Na pressa de ir para a cama, quase esbarrou em jovem cabeludo que chegava para vender brincos e pulseiras na calçada fria da 707 Sul.



JOÃOZINHO LEVOU MARIA DA PAZ AO HOSPITAL NO FIAT 87. "MAS É MODELO 88", LEMBRA O VIGIA